

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -
Número avulso
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalho — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
P. GASTO ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

O aparecimento das Cruzes em Barcelos

Da "Nobiliarchia Portuguesa, por Antonio de Vilas Boas—
1727

Teve principio este admiravel apparecimento das Cruzes em vinte de Dezembro, do anno de mil e quinhentos e quatro, hua sexta feira pela manhã, tempo, em q. foy achada a primeira Cruz, que se vio em aquelle campo, estampada milagrosamente an terra, no sitio, onde hoje está a imagem de Christo Senhor Nosso com a Cruz ás costas.

Publicouse tão misterioso achado, e prodigio tão extraordinario, acudio o povo, visitou a o Clero, e huus, e outros a venerarão com admiração, assinalando o lugar, senão com a pomposa demonstração, que pedia o milagre, com o humilde trofeo, que em aquella occasião se offereceo á piedade Christãa.

Era a Cruz bem proporcionada, e direita, de côr negra, tinha de comprimento tres covados, e meyo, e nos braços dous covados, e tres quartas, e tinha hum palmo de largura, assim nos braços, como na hastea, a qual Cruz nunca se exinguio, e permanece ainda hoje.

Começou-se logo a venerar aquele divino sinal, e lhe levantáram humá abobada de pedaria, co quatro portas, ficando a Cruz dentro, das quaes se fecháram tres, ficando só huma com grades de ferro, depois, que ali se poz a devota imagem de Nosso Senhor Jesu Christo com a Cruz ás costas, a qual segundo o diz Manuel de Severim no seu Promptuario Cap. 28. trouxe das partes de Flandes para aquelle lugar hum mercador natural da mesma Villa de Barcellos

Cubrio-se de ladrilho aquelle sitio, ficando hum alçapão de taboa na parte, onde está a Cruz, o qual se abre nas occasioes de concurso, assistindo hum Capellão para dar terra aos romeiros, que a pedem, e he cousa notavel, que sendo muyta terra, que se tira, sempre se lhe chega com a mão, e ficando grande o buraco depois das festas de Santa Cruz de Mayo, e Setembro pela muyta gente, que a leva, de sorte que he necessario meter todo o braço, tornando a elle, nos dias seguintes, se acha cheyo, com terra dura, como se nunca ali se bolira.

Depois do apparecimento desta primeira Cruz, se estendeo o milagre a muytas partes do mesmo campo, pelo qual apparece variedade de Cruzes, principalmente pela festa da Cruz de Mayo, e ás vezes dentro da Villa, e em outro tempo, pelo discurso do anno.

São todas de cor negra, formadas sobre a teara, como se ali as pintáram, humas de mayor, outras de menos grandeza, e todas da largura de hum palmo, pouco mais, ou menos.

Não apparecem de repente, mas na forma de huma nodoa negra, que vay succedendo até se formar a Cruz: e não está aquella cor somente na superficie da terra, mas entra pela profundidade, e por mais que se cave sempre se acha.

Isto quiz experimentar Martin Affonso Coelho Dezembayador da Casa do Porto, o qual vindo em romaria ao Santo Cristo pela festa da Cruz de Mayo, meteo hum punhal em huma das Cruzes, que havia pelo campo, para descubrir se aquella cor se estencia mais abaixo, e querendo o tirar não pode, e lhe foy necessario puxar por elle com toda a força e tirando-o achou que tudo o que entrou na terra ficára negro, e envernizado, sendo de antes muyto lizo, e por mais que fez diligencia para o alimpar lhe não pode tirar aquella côr. O. q. succedeo anno de 1648.

Outros prodigios foy Deos servido obrar algumas vezes para confirmção deste milagre: e foy hum que pelos annos de 1638. estando no atrio da Capella do Santo Christo Mathias Paes de Faria, homem nobre daquelle povo porfiando obstinadamente com outras pessoas que com elle estavam, que não havia nas Cruzes milagre algum, mas que era vea natural da terra aquella côr, e fórma da Cruz, pareceo-lhe que cahia hum orvalho do Cao, e de repente perdeu a vista, ficando cego, e tornando-lhe logo a restituir, foy a primeira cousa, que vio diante de si, na parte do campo, que lhe estava mais vezinha, huma Cruz de maravilhosa grandeza, com calvario, e rotulo em cima: querendo-lhe Deos mostrar com tão prodigioso acontecimento, que se enganava, e que no milagre não havia duvida.

Ficou o homem attonito, lançou-se por terra, adorou a sagrada Cruz, e pediu a Deos perdão da sua incredulidade, e foy dali por diante accerrimo defensor d'este milagre o que até aquelle tempo com tanta efficacia o impugnava.

E lembreme que elle mesmo me disse amim contandome este successo, na fórma referida, que com ninguem brigaria com melhor vontade, do que com quem lhe negasse que o apparecimento das Cruzes não era verdadeiro milagre.

No anno de 1655. pela festa da Cruz de Mayo, foy a ver este milagre das Cruzes muyta gente de varias partes deste Reyno, e entre ella D. Raymundo Duque de Aveyro, que depois faleceo desterrado em Castella; não se viu Cruz alguma nesta occasião, nem na vaspóra, nem na manhã do dia da Cruz, pelo que se foy o Duque, e todos os mais; dizendo que não havia ali milagre.

Eu sou boa testemunha, que em aquella manhã foy ao campo, e não vi em elle Cruz alguma, mas todo estava limpo: dali a trez ou quatro horas me disseram, que já havia Cruzes, torney lá: couza admiravel.

Toda aquella parte do campo, que está vezinha á Capella do Christo, estava cuberta de Cruzes, e se em mim ouvera alguma duvida, toda a perdera em aquella occasião, pois via cuberta de Cruzes negras a terra, q poucas horas antes tinha visto liza e com sua cor natural: ou nos romeiros não houve fé, ou Deos por alguma razão occulta lhe não quiz comunicar aquelle favor.

Costumão-se fazer algumas feiras de bois pelo discurso do anno, no campo onde apparecem as Cruzes, e parecendo indecente, que terra, que Deos havia escolhido para tão prodigioso milagre, fosse pisada, e cuja por aquelles animaes, ordenáram os officiaes da Camara, no anno de 1570. que se puzessem humas colunas de pedra ao redor do sitio, onde de ordinario se vião as Cruzes, e que dali para dentro senão fizesse fei a.

Puzerão-se as colunas, e chegando o dia de Santa Cruz de Mayo nem huma só appareceo dellas para dentro, sendo que se acháram algumas da banda de fóra.

*Digão agora os sabios da Escritura
Que segredos são estes.*

A vós, Senhor, a vossos profundos, e altissimos juizos se referem semelhantes prodigios, cujas determinações são occultas ao saber humano: mas se se permite ao discurso o querer advinhálo.

E' assim que o historiador se refere na citada obra ao apparecimento das Cruzes no nosso Campo da Feira. Respeitou-se a ortografia com que está escrito.

Fra Casil.

As raças históricas na Lusitania

(Transcrição)

III

(Continuação do número 31)

Fenícios, Gregos e Cartagineses

E' difficil determinar até onde chegaram os Fenícios nas suas expedições á peninsula Ibérica.

Passariam eles da Betica ou do Mediterraneo e Algarve?

Nada podemos sfiançar a este respeito. Muitos historiadores sustentam que fundaram colonias além da Bética, e attribuem a elles a fundação de Lisboa.

E' possivel que a ciência pre-historica venha um dia derramar bastante luz sobre este problema.

O mesmo se pode dizer a respeito dos gregos, cuja influencia na Peninsula não se pode bem determinar; mas ha dados historicos para se poder afirmar que passaram o estreito de Gibraltar e vieram estabelecer-se na costa occidental das Esphanhas, isto é, na maior parte da Lusitania.

Sendo um povo essencialmente culto e pouco guerreiro, amoldava-se mais aos habitos e costumes d'aqueles, para onde se trans-



O Evangelho

Era a tarde do primeiro dia da semana, e estavam fechadas as portas e janelas da habitação onde os discípulos se juntavam, com medo dos judeus; veio Jesus, pôz-se no meio d'elles dizendo: «A paz seja convosco» e mostrou-lhes as mãos e o lado. Alegroum-se os discípulos vendo o Senhor, que repetiu: «A paz seja convosco». Como meu Pai me enviou, assim eu vos envio. Recebei o Espírito Santo; a quem perdoardes os pecados, serão perdoados; a quem os retiverdes, serão retidos». Mas Tomé, um dos doze, chamado Didimo, não estava com elles quando veio Jesus. Disseram-lhe, pois, os outros discípulos: «Vimos o Senhor». E elle respondeu: «Se não vir nas suas mãos as feridas dos cravos, e meter os meus dedos no logar dos cravos, e meter a mão no seu lado, não acreditarei». Passados oito dias estavam outra vez ali os discípulos e Tomé com elles. Veio Jesus estando fechadas as portas, e posto no meio d'elles disse: «A paz seja convosco». E voltando-se para Tomé: «Toca aqui com os teus dedos e vê as minhas mãos; mete as no meu lado, e não queiras ser incrédulo, mas fiel». Respondeu Tomé: «Senhor meu e meu Deus! Desejando Jesus: «Porque me viste, Tomé, acreditaste; bemaventurados os que não viram e acreditaram». Muitas coisas e outros milagres fez ainda Jesus diante dos seus discípulos, e que não estão escritos neste livro; estes foram escritos para que creais que Jesus é o Cristo Filho de Deus; e assim crentes tenhais vi-la no seu nome.

A paz do cristão

A paz seja convosco.

Com esta magnífica saudação se annunciou aos Apóstolos, e por intermédio d'elles a nós, Jesus Cristo ressuscitado. Assim no-lo refere o Evangelho de hoje, ao descrever-nos a aparição de Jesus ao Colégio apostólico, no mesmo dia da Ressurreição, e oito dias depois, achando-se os Apóstolos reunidos no Cenáculo e com as portas fechadas: *Paz vobis*, a paz seja convosco, diz lhes, ao mesmo tempo que os certificava da verdade da sua ressurreição gloriosa.

Os anjos tinham contudo esta mesma saudação em volta do presépio de Belém, para anunciar ao mundo o Nascimento do Senhor: *Paz aos homens de boa vontade*, e quasi com as mesmas palavras se despediu Jesus Cristo dos seus, quando ia entregar-se à morte: *A minha paz vos deixo, a minha paz vos dou: dou-vos-la, não como a dá o mundo.* (Joan. XVI, 27.)

De maneira que uma é a paz traziada e dada por Jesus Cristo, e outra é a que o mundo oferece; é preciso saber distinguir uma da outra na prática, para nos não enganarmos. Vamos vê-lo hoje, afirmando-vos que a paz do mundo se distingue essencialmente da paz de Jesus Cristo, e que é preciso procurar esta pelos meios que a ella conduzem.

Pelo nome de paz entende-se a quietação ou tranquillidade que resulta da ordem que haja nas pessoas e nas coisas: *A tranquillidade da ordem*, como diz Santo Agostinho. Assim afirmamos que há paz numa casa quando tudo nela está ordenado e cada um occupa o seu lugar sem perturbar os outros. Aqui porém, não falamos precisamente da paz social que os governantes hão-de procurar manter na sociedade civil, nem a dos chefes de família em suas casas, mas da paz individual e interior, quer dizer, da paz da alma. Todos amamos esta paz, todos queremos viver em paz e socego, sem irritações nem perturbações; mas nem todos o conseguem. Sabeis

porquê? Porque nem todos sabem distinguir a verdadeira paz da falsa, nem atinam nos meios de a conseguirla.

I. — Vamos estudar os caracteres que distinguem a paz que nos dá Jesus Cristo, e por opposição conheceremos a que nos oferece o mundo; assim aprenderemos a buscar a paz verdadeira fugindo da falsa. A verdadeira paz, dada por Jesus Cristo, é:

1.—Inimiga do pecado.

Não transige com o mal, como a paz mundana. *Paz a todo aquele que faz o bem*, diz o Apóstolo, (Rom., II, 10); *aos homens de boa vontade*, cantavam os anjos (Luc., II 14); *para vós*, isto é, para os discípulos fiéis do Senhor, como saúdava Jesus Cristo (Joan. XX, 19). Ao contrário do mundo, que se junta com o mal e com os perversos, com os quais nos não podemos aliar. *Que união pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que sociedade entre a luz e as trevas? E que concórdia entre Cristo e Belial? Ou que de commum entre o fiel e o infiel?* (II Cor., VI, 14, 15). Diz o Senhor para estes casos: *Não vim trazer a paz mas a guerra* (Mat., X, 34); porque vinha separar-nos de tudo o que nos estorvasse no caminho de Deus, ainda que fôsse para nós tão querido e íntimo como os olhos ou a mão (Mat., V, 29, 30).

2.—Obediente à lei.

A paz não é rebelde à lei de Deus, mas submissa a ella, pois não é possível haver ordem (a qual resulta a paz), se não houver lei ou regra que a fixe. Por isso é que diz o Salmista dirigindo-se ao Senhor: *Graxim de muita paz os que amam a tua lei, e não há para elles nenhuma occasião de queda* (Psal. CXVIII, 165). E o próprio Deus nos diz por Isaias: *Oxilá que tu tivesses atendido os meus mandamentos! A tua paz teria sido como um rio, e a tua justiça (ou santidade) como os abismos do mar.* (Isa., XLVIII, 18).

Ao contrário da paz falsa do mundo, que deixando o homemem aparente liberdade, por fim o escravisa, já pela sujeição às leis tiránicas do mundo e do servilismo ou respeito humano, já pela escravidão das paixões. Disse bem o Salvador: *O que pecca, torna-se escravo do peccado.* (Joan., VIII, 34).

3.—Habituada à luta.

Aqui não é possível uma boa paz isenta de toda a luta, pois pertencemos à Igreja militante, e a vida do homem sobre a terra é uma guerra (Job, VII, 1); só no céu haverá paz estável e isenta de lutas. Convencendo-nos de que temos de passar toda a vida lutando contra os inimigos da alma, habituámo-nos a não temer o combate, e assim a existência se torna tolerável e leve. Assim como os bons militantes, só se acham bem combatendo os inimigos da pátria, assim também os bons soldados de Jesus Cristo só se encontram bem pel-jando pela boa causa. Por isso é que a paz do cristão se acomoda muito bem com a guerra, não turbulenta, mas pacífica e nobre. *O re no dos céus alcança-se pela violência e são os violentos que o arrabatom.* (Mat., XI, 12).

Dá-se o contrário com a paz mundana, que se reduz à inacção e à fuga de todo o trabalho porfiado, o que envilece e se oppõe à actividade do universo; *se queres paz, prepara a guerra*, diz o esforço militar. Ou então segando a sentença do Kerupis: «Pel-jando contra as paixões, e não condescendendo com ellas, é que se gosa a verdadeira paz».

II.— Descendo mais ao campo prático, há três coisas que nos ajudarão muito para conseguirmos esta paz. Temos de procurar:

1.—A boa consciéncia.

Não há coisa mais agradável neste mundo e que melhor produza a paz da alma como a boa consciéncia; nem coisa que mais a perturbe e inquiete como o remorso da má consciéncia. *A boa consciéncia é como um biquete continuo*, diz o Espírito Santo (Prov. XV,

15); enquanto que «a consciéncia maculada de peccados é um inferno e cárcere da alma», como afirma S. Bernardo. Uidai em conservar irrepreensivel a vossa consciéncia, e coisa alguma poderá roubar-vos a paz. «Pensa de Agostinho o que quizeres, dizia Santo Agostinho, conquanto que a minha consciéncia me não acuse deante de Deus».

2.—A paciência.

Assim como o estudo é o meio de adquirir ciência, assim o exercício da paciência é condição para conseguir a paz, segundo S. Bernardo. E escreve Kerupis: «A tua paz consiste na muita paciência.» Vêde este principio não bom ladrão: padece o tormento do cruz, mas resigna-se e enche-se de paciência, e fica em paz esperando com paz o reino que Jesus lhe prometeu; enquanto que o mau se agita e desespera por lhe faltar a paciência.

3.—A confiança.

Para acalmar um espirito agitado e dar-lhe a verdadeira paz, nada há como a confiança plena em Deus, que remediará os nossos males. Por esta razão é que o Apóstolo dizia: *Gloriámo-nos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência, a paciência produz a prova, e a prova a esperança, e a esperança (ou confiança) não traz engano.* (Rom., V, 3, 5). E o Sábio: *Considerai, filhas, as gerações humanas, e sobei que ninguém esperou no Senhor, e fosse confundido* (Eceli., II, 11). Ao contrario dos que confiam no pavôr mundano, os quais se apoiam numa causa quebradiça e caem no melhor tempo (Isa., XXXVI, 6).

Cristãos: *Procuremos a paz, e o Deus da paz estará connosco* (II Cor., XIII, 11) Vistes a diferença que vai entre a paz verdadeira que nos dá Jesus Cristo, e a falsa, que nos oferece o mundo. Procurai a paz com a boa consciéncia, a paciência, a confiança em Deus. *Que a paz de Deus guarde os vossos corações* (Philip., IV, 7).

Frei Giulio

Acaba de desaparecer uma das figuras mais populares de Jerusalem. Frei Giulio, o jardineiro carinhoso do Jardim das Oliveiras, em Jerusalem, há 33 anos, o artista humilde e devotadíssimo dos canteiros de flôres lindas a crescerem na terra sagrada que Jesus Cristo regou com o seu Sangue derramado por amor de nós.

Em 1392, o campo de Gestesemani, entrou na guarda dos Irmãos do Poverelo.

Com as suas árvores seculares, de troncos nodosos, constitue elle ainda um dos recantos mais atraentes dos Lugares Santos. Por sua decisão que é necessário aplaudir, nunca essas Oliveiras pagaram impostos.

Nesse pequeno quadrado, engrandecido tantas vezes pela nossa imaginação, foi posto em 1900 Frei Giulio, o novo guarda. Cumpriu fielmente, dedicadamente, a sua missão até aos principios deste inverno.

Nas vésperas do Natal adoeceu e teve de resignar-se a não se levantar da sua pobre tarimba de irmão da Santa Pobreza. E não se levantou mais.

Na tarde de 18 de Fevereiro último, quando descia no horizonte um sol débil e descolorido, Frei Giulio abriu mais os olhos cavos, com a alegria de vêr o côro dos Anjos que vinham buscá-lo e adormeceu sautamente no Senhor.

Filho devoto e exemplar de S. Francisco, amava Frei Giulio, como elle, a irmã natureza. Por um milagre de paciência conseguiu acalmar em Gestesemani tóta a espécie de flôres. E quando a sua aspiração se tornou conhecida, começaram os peregrinos a entregar-lhe sementes de espécies raras destinadas a aumentar a variedade da sua flora — por amor.

VARIEDADES

ALELUIA!...

Repicam sinos em festa...
O velho cura, um santinho,
(aquele sorriso o atesto)
lá vai, caminho, em caminho,
na pobre al teia modesta.

A'leuia! ressoa
grito que a luto desterra.
A minha al teia é tão boa,
Lindo canteiro da serra,
onde a alegria revoa

Triste choupana do monte
onde a cruz entrou agora.
Não há poema que con'e
a paz que se lê na frente
da gentinha que ali mora!

Já se sente a campainha.
Tôda a gente se ajoelha.
O sol, mal que se avizinha,
tingindo na manhãz nha,
uma targea vermelha.

Nas mãos do santo pastor
a cruz alçada e luzente
enebria o lavrador
que a beija com fervor
todo trémulo e contente...

Que fortuna na pobreza...
Que v'ntura neste lar...
O cura, com voz de reza,
tem uma graça v'ra mesa
e não levanta o falar.

A. Barreto.

Reflexões de uns e de outros

Lavar a minha roupa p'ra quê?
O sabão custa dinheiro.

Um forreta

Se eu ficasse só no mundo a quem havia
de emprestar dinheiro?

Um agiota.

Se o vinho é sangue de Cristo, bem haja
quem o matou.

Um ébrio.

Como era bom o papai fazer anos todos
os dias.

Um menino guloso.

Solteiro, estava no limbo: casado, no pur-
gatório; agora estou no céu.

Um viuvo.

De quem são mais próprios os peixes

Da sopeira, o soldado
Da repariga, o namorado
Do militar, o espado
Do hortelão, a e xida
Do cabelo, o ruivo

De quem são mais próprias as ades

Da testa, o g'lo
Do mastro, a odja
Das moedas, o pinto
Da igreja, o cardial
Do hospital, a moça
De Lisboa, o burreiro
Do assento, o môcho

Secção charadística

CHARADAS

EM VERSO

Que sou um tipo modelo
Como tal me considero,
E to'co me dese-pero
Se duvidam possa sê-lo.

E sei que posso dizê-lo
Porque com tudo me esmero;
Minha família ven-ro, —2
Dispensio lhe o mór desvêlo.

Tenho amor a meus bons pais, —2
Estremeço meus filhinhos
Que são da minha alegria.

E a tí, mulher, quero mais
Do que D'us quer aos anjinhos,
Pois és do lar a harmonia.

Lebricho

EM FRASE

Serve de guia ao médico que vai tratar da con-
tusão no director. —4-1

A ufanía legítima é própria de um attivo. —3 1
Madre Helena.

Da humidade resulta um tumor e uma hidropisia

Sendo humilde como a lama, é muito humilde —2 2

H. Raio.

SINCOPADAS

(por sílabas)

3—O "homem" é sempre um "homem". —2...
3—E a "mulher" é sempre uma "mulher"—2

L. Heitor

ELÉTRICAS (por letras)

Afinal, tua partida,
Segundo me disse alguem;
Já sei que vais transferir
Por minha causa, meu bem —5

— Por tua causa meu bem,
Mais longe vou demorar;
Porém, nesta capital,
Nós não podemos ficar. —4

Vamos para os arrabaldes
Onde corre a viração;
Deixemos esta cidade
Que é um fóco d'infecção —6

H. Raio

ENIGMA

Lembrou-se o Sá certo dia
Se pôr no meio da vila,
E junto á sua Camila
Dar um viva á monarchia.

Do Zé, a quem Anadia
Por filho o ter rejubila,
Espera se o Sá repila
Com a maior energia.

O Zé, que não'está contente,
Pela forma irrevolvente
Como o Sá mostra o que é:

Exige o Sá se retire,
Mais que depressa se pira,
Na vila deixando o Zé

Lebricho

DORESSÃO GEOGRÁFICA

No geral quem tem dinheiro,
Segundo diz o rifão;
Quebra penedros, pois não;
Quem os quebra é o cabouqueiro.

Agar Ramos

ENIGMA TIPOGRÁFICO



Lebricho

As decifrações dos trabalhos publicados no nú-
mero 15 são: = Gravado, Ave-Maria, Marta, Amorna-
da, Fanão, Ajo, Torcato-rôrto, Roberta-rôta, Aqueiar-
-alar, Futuro, furo, G'lvaz, Castello de Vide e Sobre-
mesa de amoras e avelãs.

Considerações oportunas

A Perseverança

A Santa Igreja, na época quaresmal, depois de haver exortado seus filhos a reconciliarem-se com o seu Deus, recomenda-lhes, com o máximo interesse, que não recaiam nas suas faltas passadas, que não voltem à vida de pecado; muito lhes recomenda a virtude da perseverança. Considerações a propósito.

A perseverança é absolutamente indispensável a todo aquêlo que devera quer salvar-se. A vida do cristão deve ser uma cadeia de graças, a última das quais é a perseverança. E, por isso, havia um santo que à perseverança chamava a «porta do paraíso», pois desde que vem a morte, a alma já não pode merecer ou desmerecer; para onde caiu a árvore, ao ser cortada, para esse lado ficará; a alma salvar-se-há, se, no momento de se separar do corpo, estiver na graça de Deus, ou tiver a graça da perseverança. Nosso Senhor Jesus Cristo promete a salvação somente aquêlo que «perseverar até ao fim» (Mt., XXIV, 13).

Ora para gosar esta graça da perseverança é preciso haver todo o cuidado em a não perder, empregando aquêles meios que o próprio divino Mestre nos indica: oração e vigília; oração constante, isto é, a cada passo a elevação da nossa alma para Deus, como a criança, que tem medo de cair, nunca deixa de estender os bracinhos para a mãe, nunca desprende dela os seus olhos, e, quando mais em perigo, chora, birra, pede socorro. Em Deus tóda a nossa confiança, nunca deixando de implorar o seu socorro, o auxilio da luz e força da sua graça; e depois todo o cuidado em fugir dos perigos, evitar as occasiões de pecado; todo o cuidado com o uso dos sentidos, com as potências da alma, que tem necessidades como o corpo; alimentar a intelligência, a vontade, o coração — com as boas leituras e sobretudo a meditação das verdades eternas; acompanhar pessoas que possam aconselhar ao bem, que sejam modelos de virtude; enfim frequentar os sacramentos, que são uma fonte inexgotável de vida.

Só assim poder-se há perseverar, assegurar a salvação eterna. E não desalentemos pelo que temos sido ou com a previsão dos perigos, dos obstáculos que podemos encontrar no caminho da vida. E' preciso muita coragem. S. Paulo, depois de haver comungado, dizia: «Posso tudo naquêlo que me dá alento»; e ainda: «Se Deus está por nós, quem po'rá levantar-se contra nós?»

Enfim não esqueçamos o que nos diz S. Bernardo: «O c'u é prometido aos que começam bem, mas só é dado aos que acabam bem», isto é os que têm a graça da perseverança. Judas principiou bem, mas acabou mal. Agostinho principiou mal, mas acabou bem.

A Deus e à nossa boa Mãe celeste, peça-mos sempre a graça duma sincera conversão e nunca deixêmos de pedir a mais preciosa de tôdas as graças — o dom da perseverança.

SILVIO.

RIDENDO

Entre dois beberrões.

— Homem, queres saber uma coisa?
Milhor do que um copo de vinho não há nada!
— Oh se ha!
— Então o que é?
— Uma garrafa.

Carvalho, 18-4-1933

portava; e por esta forma lhes comunicára os seus costumes e a sua brilhante civilização, sem grande resistência.

Não consta que entre eles e os povos celtiberos e lusitanos houvesse guerras.

Isto indica que foram bem aceites pelas populações que vieram mais ou menos civilizar com o seu contacto.

Estrabão diz (como já declaramos) que os Interamnenses celebravam jogos e certames gínicos á maneira dos Gregos; o que prova quanto eles se estenderam pela Lusitania dentro. Ainda hoje se nota grande influência do grego na nossa lingua.

Se este elemento influiu mais ou menos na formação dos povos da península, deve ele predominar sómente na raça portuguesa, porque não consta que os Gregos subissem ao norte de Espanha e se internassem muito além do Douro e Tejo.

A Lusitania, pela sua posição especial, e bem assim a Galiza, eram os dois países que deviam resentir-se mais da influência dos povos estrangeiros que abordavam a estas paragens, pela costa ocidental.

E' esta a razão porque as linguas galaica e portuguesa foram as mais suaves e harmoniosas da península.

Quando as Cartagineses (diz Alexandre Herculano) entraram na península, não só as duas raças mais antigas, Os Iberos e Celtas, se achavam confundidos nos territórios centrais, mas também as tribus da orla do mar, e ainda os Celtas e Celtiberos do sertão se tinham misturado com os Fenícios e Gregos, principalmente com os primeiros, cuja população por tamanha que ficou predominando até hoje no paiz o nome que eles lhe puzeram (*Spania ou Span*).

De feito os Fenícios se haviam apessado da melhor parte da Espanha em tempos anteriores a Homero, enquanto pequenas colonias gregas se estabeleciam em diversos pontos marítimos nomeadamente nas margens do Minho e do Douro, subindo pelas suas fôzes.

Estes diversos elementos de população que deviam lutar e penetrar se em épocas que fojem ás indagações históricas, descobrem-se confundidos e ligados em épocas posteriores.

E' assim que a propria Lusitania indica o elemento fenicio e os nomes do Tejo (*Tagis*) e do Guadiana (*Aua*), são puramente d'aquella lingua, ao passo que nos nomes das povoações predomina a forma celtica *brig* ou *briga* e nos costumes apparecem vestígios da influência grega!

Escusado é dizer que está mai longe de ser um dogma.

Entre a verdade e o que ali se afirma ha grande distancia.

Admitindo, porém que os Fenícios passaram do Mediterraneo e, como quer Alexandre Herculano, se estenderam ao norte do Tejo,— o que é certo é que na opinião mesmo d'este insigne escritor, nada suspeito, os elementos fenícios e gregos devem predominar só no orla do mar, isto é, na Galiza e Portugal, nos dois estados que mais se pareceram ao tempo da formação da nova nacionalidade.

Encontraram esses povos como civilisadores e como civilisadores ficaram.

No entanto não podemos deixar de colocar os Gregos em primeiro lugar no desempenho d'essa missão na península iberica.

Além de serem um povo original em todas as suas brilhantes manifestações, foram os primeiros povos do mundo antigo na civilização e os que mais se adeantaram na ciencia, nas letras, artes, commercio e navegação.

Por isto a sua influencia nos povos lusitanos devia ter sido muito mais poderosa que a dos Fenícios.

(Continúa).

Fra Casil

Carta de Barcelos

Toda a imprensa do Paiz noticia que a Ditadura em Portugal acabou.

E tamos já dentro da constitucionalidade.

Espreitam-nos novos horizontes.

— O dia 9 de Abril em Barcelos foi grandemente festejado.

Os Combatentes da Grande Guerra fizeram uma festa ruidosa com a benção da sua bandeira a qual foi no mesmo dia condecorada com a Torre Espada, cujas insignias lhe foram spostas pelo Comandante da Região Ex.^{ma} Brigadeiro Schiapa d'Azevedo.

A Camara Municipal também inaugurou, na sua sala de espera, uma lápide com o nome de todos aqueles que, pertencendo ao nosso concelho, tombaram nos Campos de Batalha em África e França.

— Os festejos das Cruzes prometem este ano serem surpreendentes.

O nosso bom amigo Sr. João José d'Almeida assumindo a presidência de um grupo de barcelenses, que muito amam a sua terra, conseguiu que a Banda Barcelense fosse reorganizada e novamente chefiada por um excelente músico militar reformado, a qual se apresentará em breves dias a tocar no Jardim público.

Um grande abraço de muitos parabens ao amigo e Sr. Almeida.—C.

Decorreu com a costumada alegria a visita pascal, realizada no passado domingo. Na impossibilidade de a fazer pessoalmente convidou o nosso pároco para o representar as Boas Festas e cumprimentos aos seus paroquianos o Rev.^o P.^o José Meira Veloso, da villa da Povoa de Varzim, que em todas as casas teve uma boa recepção, como era de esperar deste povo que nutre os melhores sentimentos cristãos. No fim da visita ofereceu o nosso pároco uma ecia em que tomaram parte umas vinte pessoas que se distinguem pela sua dedicação à Igreja e ao seu pároco.

—Vimos nesta freguesia em visita ao nosso pároco P.^o José António Aires, o Ex.^{mo} Sr. Tenente João Augusto Pires, da P. de Varzim.

—Aproveitando os belos dias de primavera que tem havido ultimamente, já se vêem, principalmente aos domingos, numerosos grupos deromeiros dirigindo-se para a ermida de Nossa Senhora da Franqueira.

Peregrinação à Franqueira

Já neste jornalsinho se foi dando o grito de «álerta» sobre esta grandiosa manifestação de fé católica pela qual, publicamente, se demonstrará a crença religiosa do povo do nosso concelho.

A religiosidade destas actos atestam duma forma categorica e inconfiável o quanto vale o fervor da devoção que por aqui paira em redor da Virgem Nossa Senhora da Franqueira.

E' preciso, pois, que em todas as freguesias do nosso concelho se faça constar, não só o dia em que a Peregrinação à Franqueira tem lugar, mas também as condições em que o povo deve estar para tomar parte neste acto de piedade.

As peregrinações não são festanças de arraiais que permitam dançar ou de canções populares como por vezes os dignos párocos o tem feito sentir, todavia o nosso bom povo que no geral é bom acclhedor dos bons conselhos deve tomar na devida consideração as indicações que neste sentido lhe darão os seus párocos e assim possa colher os frutos que a divindade proporciona a todos aqueles que se vão desde já predispondo para os receber por aquela ocasião.

A Virgem da Franqueira, a quem se prepara tamanha romagem de simpatia, por certo nos cobrirá de benções quando nos vir de joelhos a seus pés a implorarmos a Sua valiosa intercessão junto do Seu amado Filho para que nos ajude a suportar as agruras da vida neste mundo cheio de ódios e ambições.

Daqui a poucos meses vamos ter esta oportunidade.

Façamos o possível para que a Peregrinação à Franqueira seja imponente e o mais concorrida possível e só assim poderemos afirmar publicamente a devoção que temos pela Virgem Mãe de Deus.

E' preciso que a fé e a devoção desta manifestação de verdadeira humildade fique bem vincada, isto é, que todos os bons católicos não deixem de, naquele dia, irem lá cima, ao alto da Franqueira, patentear o seu preito de homenagem à Virgem Mãe Santíssima.

E' uma jornada eucarística que servirá ao mesmo tempo para afirmar ao Ex.^{mo} Snr. Arcebispo desta diocese que Barcelos vive num constante desejo de que em todas as peregrinações à Virgem da Franqueira sobressaia sempre o mais alto significado do seu sentimento religioso.

“Ecos da Franqueira,”

Fizeram o favor de pagar as suas assinaturas mais os seguintes senhores: Agostinho Joaquim Gomes, do lugar de Porto carreiro, e Joaquim José de Figueiredo, do lugar de Medros, freguesia de Carvalho.

A estes nossos prezados amigos, os nossos agradecimentos.

* * *

Encontram-se na C.^a Editora do Minho, Barcelos, os recibos, dos assinantes deste Semanário a quem pedimos encarecidamente o obséquio de os procurar, afim de nos evitar as despêsas do correio.